

Introdução

José Murilo de Carvalho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CARVALHO, JM. Introdução. In: *A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 10-13. ISBN: 978-85-7982-005-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende ser uma história institucional da Escola de Minas de Ouro Preto, que, em 1976, completou cem anos de existência¹. Pretende ainda fornecer elementos para a discussão dos problemas que afetam a Escola, dentro da perspectiva mais ampla da história das instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

Já surgem estudos sobre tais instituições, alguns com importantes contribuições, como o de Nancy Stepan sobre o Instituto Oswaldo Cruz². A Escola de Minas difere um pouco desse Instituto que é, sobretudo, um órgão de pesquisa. Com o correr do tempo, ela se foi transformando em instituição quase que exclusivamente de ensino. No entanto, por sua orientação original, pela prática de seus anos iniciais e mesmo pela natureza de seu ensino, deve ser considerada instituição fundamental para a implantação no Brasil da ciência geológica, da mineralogia, da metalurgia e do desenvolvimento tecnológico nessas áreas. Além disso, foi fator importante na implantação do espírito científico, graças à valorização da pesquisa empírica, feita na contramão da tradição livresca predominante no país. A ênfase que sempre deu às ciências básicas, a matemática, a física, a química, impediu que a preocupação com a aplicação prática dos ensinamentos transformasse os ex-alunos em simples técnicos ou tecnólogos. Vários deles, os mais inclinados ao estudo, se dedicaram à pesquisa científica e constituíram a primeira geração de geólogos brasileiros.

Como no caso do Instituto Oswaldo Cruz, a Escola foi também exemplo da transplantação, com êxito, do que havia de melhor na ciência européia da época em seu campo de conhecimento³. As duas

¹ O nome da Escola variou ao longo das transformações por que passou. Para maior simplicidade, usei neste trabalho os nomes de Escola de Minas de Ouro Preto, Escola de Minas, ou, simplesmente, Escola.

² Ver STEPAN. *Gênese e evolução da ciência brasileira*: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica. Sobre Manguinhos, ver também FONSECA FILHO. A Escola de Manguinhos. Contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil. Tomo II.

³ Outra instituição importante em nossa história científica, e que está a pedir um estudo, é o Museu Nacional que foi durante o século XIX, por muito tempo, um dos refúgios da pesquisa no Brasil.

instituições contribuíram poderosamente para colocar a geologia e a pesquisa biológica no ponto de passagem do que Basalla chama de ciência colonial para a ciência nacional, isto é, da ciência feita totalmente na dependência de pesquisadores e centros externos para a ciência realizada em instituições nacionais por pesquisadores nacionais¹. Como esse processo se prolongou no Brasil por muito tempo, podendo-se dizer que em vários campos ainda não se completou, o estudo das causas do êxito, ou fracasso, da experiência adquire interesse que ultrapassa as fronteiras das duas instituições.

O exame da implantação da Escola de Minas, mais ainda do que o do surgimento do Instituto Oswaldo Cruz chama a atenção para um ponto que distingue países como o Brasil de outros, como os Estados Unidos, no que se refere à criação de instituições científicas. Neste último país, por exemplo, a introdução de escolas técnicas, ou mesmo das ciências naturais, nas universidades se deu após ter havido considerável desenvolvimento tecnológico independente da ciência, incentivado e financiado por industriais interessados em seus possíveis benefícios². Embora houvesse nos Estados Unidos a mesma resistência das universidades tradicionais em aceitar as escolas de engenharia e o ensino de ciências, lá essas escolas e esse ensino surgiram em função do que se poderia chamar de demanda social por seus produtos. No Brasil, sobretudo no caso da Escola de Minas, tal não se deu. Dificilmente se poderia dizer que havia demanda por geólogos e engenheiros de minas na economia exportadora e escravocrata de 1876. A criação da Escola foi, antes de tudo, um ato de vontade política, orientado em boa parte por motivos de natureza antes ideológica do que econômica. Embora os efeitos deste voluntarismo tenham sido limitados por restrições econômicas, não há dúvida de que eles se fizeram sentir com nitidez e exerceram impacto sobre o próprio desenvolvimento econômico e tecnológico do país.

Ao lado das razões do êxito das instituições, não menos importante é estudar as causas de sua decadência. Como o Instituto Oswaldo Cruz e quase todas as outras instituições brasileiras de pesquisa, a Escola de Minas conheceu, e conhece ao celebrar o

¹ Ver BASALLA. *Science*, v. 156, p. 611-622.

² Ver STRUIK. *Yankee science in the making*, sobretudo p. 421-444.

centenário de sua criação, uma fase de decadência. Sua sobrevivência foi mais prolongada do que a daquele Instituto porque, tendo-se transformado quase que exclusivamente em instituição de ensino, era-lhe mais fácil resistir aos fatores de desgaste e ocultar os sintomas da decadência. Uma escola medíocre pode sobreviver indefinidamente, ou quase, mas não assim uma instituição de pesquisa.

O trabalho divide-se em três partes. A primeira é dedicada ao estudo das circunstâncias em que foi criada a Escola, das razões da implantação, dos obstáculos que teve de vencer e dos fatores de êxito. A segunda trata de seu espírito, ou etos, e de seu impacto na ciência, na tecnologia, na economia e na política. A terceira discute sua situação nos últimos anos, a natureza e as causas do declínio, e algumas possíveis opções de renovação. Esta divisão, que atende à necessidade de discutir os problemas que me pareceram mais importantes, fez com que o trabalho se concentrasse sobretudo nas fases mais antiga e mais recente: os períodos que vão de 1876 a 1893 e de 1939 a 1976, aproximadamente. Os fatos relevantes do período intermediário são, no entanto, mencionados e analisados.

As principais fontes primárias utilizadas foram, para as duas primeiras partes, a correspondência de Gorceix com o Imperador, com os ministros do Império e com os presidentes da Província de Minas Gerais, além de seus relatórios anuais e dos relatórios dos ministros. Para a terceira parte, servi-me, sobretudo, das atas da Congregação e de entrevistas.

Antes de iniciar a exposição, dirijo uma palavra especial aos professores, sobretudo aos da geração mais antiga, que ainda carregam todo o peso da tradição, vários dos quais se dispuseram com grande generosidade a discutir comigo os problemas da Escola. Este trabalho, em sua última parte, contém diagnósticos que lhes parecerão injustos, se não equivocados. Só posso dizer-lhes que os resultados a que cheguei foram fruto de lição que faz parte do espírito que Gorceix pretendeu introduzir, ou seja, só concluí após cuidadoso levantamento de dados em várias fontes, inclusive depoimentos de professores. Se, apesar disso, as análises e conclusões forem consideradas incorretas, o caminho está aberto para revisões e correções. Só espero que, ao ser contestado, se o for, o seja dentro dos mesmos padrões de trabalho

estabelecidos por Gorceix. O debate só poderá ser benéfico para a instituição.

Seja como for, comigo ficam, ao término do trabalho, ao lado da admiração por um cientista francês dedicado à ciência e ao Brasil, o respeito pela dedicação com que serviram à sua obra os professores da Escola de Minas e a esperança de que, de algum modo, o esplendor antigo possa ser restaurado.